


 Ana Luisa Queiroz

Garimpando memórias fazer cinema e antropologia entre mulheres

O “Garimpando Memórias: olhares femininos sobre o Morro D’Água Quente” é um projeto audiovisual feito por mulheres, que costura cinema e antropologia. O filme é um curta documental que reconstrói, a partir da perspectiva feminina, as narrativas do cotidiano do garimpo na década de 1980, no distrito do Morro D’Água Quente.

Localizado na cidade de Catas Altas, o Morro (como é chamado por suas moradoras) tem sua história atravessada pelo ouro. O material, que já havia sido largamente explorado no século XVII, tornou-se a principal saída econômica para os moradores, após o fechamento da principal fonte de empregos da região, a mineradora Socoimex. Como somente o trabalho de uma pessoa, o homem da família, não era suficiente para garantir o sustento de todos, foi necessário que as mulheres e as crianças se juntassem

no garimpo, que passou a se construir como um espaço de sociabilidade entre os membros da comunidade, para além dos espaços domésticos e religiosos.

A cidade de Catas Altas, emancipada do município de Santa Bárbara, através da lei nº 12.030, em 21 de dezembro de 1995, faz divisa com o município de Mariana e está aos pés da Serra do Caraça, a aproximadamente 120 km da capital mineira, Belo Horizonte. O Morro D’Água Quente deixou de ser um bairro, para se tornar distrito da cidade no final de 2014. Seu nome é uma referência literal a fonte de água quente que existia no mesmo. Esta fonte marca a história da região, que se utilizava dela antes da chegada da rede elétrica, para tomar banho quando frio e para o lazer. O Morro possui um clima ameno, com temperaturas mais baixas durante a maior parte do ano.

Hoje, no lugar onde existia a fonte

Ana Luisa Queiroz

é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestra em Sociologia e Antropologia pela mesma, com a dissertação “Gênero, Território e Mineração: um estudo sobre o protagonismo feminino em conflitos socioambientais no Morro D’Água Quente, Catas Altas - MG”.

analuisaqf@gmail.com

Fotos: Ana Luisa Queiroz, Clarice Green, Deborah Raposo e Tarsilla Alves



e o garimpo, está construído um Balneário, fruto de medida compensatória exigida no EIA/RIMA de expansão do Complexo do Fazendão. O Fazendão é um complexo de exploração de minério de propriedade e operação da Vale S.A., onde antes atuava a já citada Socoimex. Atualmente, a cidade é dependente economicamente da mineração da Vale, seja de maneira direta ou indireta. O garimpo foi proibido e todos os investimentos nesse sentido são quase individuais e criminalizados. Não existe nenhuma política ou programa que trabalhe a questão em outros sentidos, considerando a história, memória e cultura locais com as quais essa atividade se relaciona.

A ideia do projeto surgiu durante o trabalho de campo realizado para minha dissertação de mestrado. Na época, estava desenvolvendo uma pesquisa sobre protagonismo feminino em conflitos socioambientais e tinha como estudo de caso a trajetória e repertórios de ação coletiva confrontacionais desenvolvidos pelas moradoras do Morro em relação à atividade produtiva da Vale na região. O resgate da memória do garimpo entrava como uma peça para o entendimento do alto envolvimento feminino na crítica à empresa, mas não como objetivo de análise principal.

Diante de tantas histórias, da falta de acervo documental sobre a região e tamanha beleza paisagis-

tica, sentia-me, por um lado, angustiada com a impossibilidade de dar conta disto em um texto, e, por outro, instigada a produzir outro tipo de material. Em um primeiro momento, chamei duas moradoras, que se tornaram minhas grandes amigas, Sandra Vita e Claudia Cerqueira, e fiz a proposta de produzirmos um filme. Além do garimpo, existem outros episódios históricos interessantes e relevantes para a memória da comunidade que poderiam (e ainda podem, fica o convite aberto) ser explorados. Minha única exigência era que, seja qual fosse a história que iríamos contar, ela deveria ser definida por elas. Se por um lado, a escrita acadêmica, mesmo com toda ajuda que recebemos pelo caminho, é um trabalho majoritariamente solitário, a minha ideia do fazer cinematográfico era profundamente coletiva. Era fundamental que elas, as moradoras, que carregam as memórias do Morro em seus corpos, construíssem comigo este projeto.

Felizmente, ambas aceitaram o convite e, depois de um tempo maturando ele, optaram por abordarmos o garimpo. A partir daí, tínhamos alguns desafios pela frente. Era necessário dividir o trabalho, levantar recursos, equipamentos e saberes. Estávamos determinadas a realizar o filme com os materiais que conseguíssemos, e chegamos a cogitar o uso do ce-

lular, uma ferramenta que tem sido mais explorada atualmente na produção audiovisual. E foi neste momento, depois de muito conversar e tentar entender o que, afinal, era fazer cinema, que nosso grupo se alargou. Somaram-se a nós a Clarice Green, uma amiga das ciências sociais e do cinema, e o trio da produtora Pajé, Deborah Raposo, Sônia Freitas e Tarsilla Alves, com quem divido a direção do curta. Tínhamos uma história pra contar, pessoas experientes e competentes envolvidas, e pouco recurso (mas precioso), levantado através de uma campanha de financiamento coletivo.

Este pequeno ensaio poderia debruçar-se sobre diferentes obstáculos que enfrentamos nas diversas etapas do projeto, e os que ainda esperamos nos deparar. Poderia falar sobre a dificuldade de se construir um projeto de audiovisual com baixo orçamento, sem remuneração para nenhuma das pessoas envolvidas, sobre os entraves em torno da produção do material e sua divulgação. Mas antes, acredito que o que há de mais valioso nessa experiência, e que deve ser ressaltado aqui, é o encontro de mulheres com diferentes saberes, para a construção de um documento histórico e artístico.

Para a elaboração do roteiro, feita por mim e pelas moradoras, foi fundamental abrir mão de uma estrutura formal, baseada em um texto corrido, e optar pelas ideias organizadas em tópicos e pela flexibilidade. Nenhuma de nós três possuía experiência anterior na área e, ainda que fosse algo comum para mim redigir textos acadêmicos, o que estávamos fazendo era diferente.

Mais do que isso, precisava ser diferente, para que pudéssemos nos comunicar e entender. Em relação a mim, era preciso, deixar para trás o apressado pela organização formal e cronológica das palavras, enquanto Sandra e Claudia se esforçavam para criar intervalos na rotina que as permitissem organizar o recorte do filme e suas entrevistas. O roteiro foi sendo construído, então, através das imagens que queríamos trazer para quem o assistisse.

Quanto à divisão de trabalho, separamos as rotei-





ristas, a produção, a montagem, direção, fotografia, som, mas tendo em vista que todos estes trabalhos, apesar de ter pessoas por eles responsáveis, demandavam uma integração e participação de toda a equipe. Acho que este foi um dos grandes diferenciais de nossa experiência.

É claro que projetos colaborativos como este podem – e são – realizados por homens. E o que observamos foi, devido muito à relação de disponibilidade e abertura a escuta, um projeto construído com o máximo de horizontalidade possível, com a participação de todas, em algum grau, em cada etapa, com o máximo de liberdade em relação às outras.

Não basta afirmar que este é um projeto construído por mulheres para falar sobre mulheres. É preciso entender o que isto significa. No nosso caso, representou uma maior liberdade na manifestação das ideias, na criação artística, nos registros dos relatos daquelas que conosco revisitaram seus passados. Neste sentido, posso afirmar com tranquilidade que

o resultado não teria sido o mesmo se o coletivo fosse outro. A riqueza das narrativas que trazemos no filme está na própria experiência do garimpo enquanto espaço familiar, de sociabilidade, nas memórias dessas mulheres, mas também na relação que com elas conseguimos travar durante todo o processo de construção do roteiro e filmagem.

Esse primeiro resultado final, o filme, é um encontro da antropologia com o cinema, de mulheres de diferentes gerações, formações e escolaridades. Foi um esforço de trazer à tela as delicadezas das narrativas com as quais nos esbarramos durante o trabalho etnográfico, a partir dos elementos que fogem às palavras, mas que falam aos olhos e aos ouvidos. Através da paisagem, da mata por onde caminhavam, da textura e cor do canga (rocha de onde extraíam o ouro), do barulho do trem com o qual convivem diariamente, do corpo de quem fala. Trata-se de um filme que construiu relações e que por elas, por esses laços, acabou sendo também construído. ■